

COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES BRASILEIRA, NORDESTINA E PERNAMBUCANA E A CONCORRÊNCIA CHINESA ENTRE O PERÍODO DE 1997 A 2017

Competitiveness of the Brazilian, Nordestina and Pernambuco textile and clothing industry and Chinese competition between 1997 and 2017

Thiago Fellipe Lima Silva Pereira

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGECON/UFPE). thiago.fellipe.lima.sp@gmail.com

Monaliza de Oliveira Ferreira

Docente/Pesquisador PPGECON/ UFPE. monaliza.ferreira@ufpe.br

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo analisar índices de competitividade internacional, para melhor conhecer o grau de vantagem comparativa do setor têxtil e de confecções no Brasil, Nordeste e Pernambuco e analisar a concorrência chinesa, ambos no período de 1997-2017. Foram calculados os Índice de Vantagem Comparativa Revelada, Comércio Intra-indústria e utilizado o Modelo *Constant Market Share* (CMS) para possibilitar as análises realizadas. Os resultados apontaram que no comércio com o resto do mundo, no setor têxtil e de confecções, Brasil e Pernambuco apresentaram desvantagem comparativa revelada, enquanto o Nordeste apresentou vantagem comparativa revelada no setor no período considerado. No comércio exterior com o resto do mundo, referente ao setor têxtil e de confecções, enquanto Brasil e Nordeste apresentaram comércio do tipo intraindustrial, Pernambuco apresentou do tipo interindustrial; já no comércio bilateral com a China nesse setor, ambas as regiões apresentaram comércio do tipo interindustrial. O Modelo CMS revelou que no período analisado houve avanço do *market-share* da China no mercado doméstico brasileiro superior ao avanço do *market-share* do Brasil no mercado chinês. Conclui-se que o setor têxtil e de confecções tem apresentado perda de competitividade diante dos produtores externos, sobretudo com a China.

Palavras-chave: Comércio internacional; índices de competitividade; modelo *Constant Market Share* (CMS); setor têxtil e de confecções.

Abstract: This research aimed to analyze competitiveness indexes, in order to understand better the comparative advantage of textile and clothing sector in Brazil, Northeast and Pernambuco, and to analyze the Chinese competition, both in the 1997-2017 period. It was calculated the index of revealed comparative advantage, intra-industry trade and it was used the Constant Market Share (CMS). The results showed that in the trade with the rest of the world, in textile and clothing sector, Brazil and Pernambuco indicate the presence of a comparative disadvantage revealed, while the Northeast showed a comparative advantage revealed in the same sector in the period considered. In foreign trade with the rest of the world, referring to the textile and clothing sector, while Brazil and the Northeast indicated trade of the intra-industrial type, Pernambuco showed an interindustrial type, however in bilateral trade with China in this sector, both regions showed trade of the interindustrial type. The CMS model revealed that, during the analyzed period, China's market share in the Brazilian domestic market was higher than the increase in Brazil's market share in the Chinese market. It is concluded that the textile and clothing sector has shown a loss of competitiveness vis-à-vis external producers, especially with China.

Keywords: International Trade; Competitiveness Indices; Constant Market Share Model (CMS); Textile and Clothing Sector.

1 INTRODUÇÃO

Nas relações com o comércio exterior, o Brasil sempre manteve a predominância comercial de produtos primários, de menor valor agregado, que eram intensivos em trabalho não qualificado e recursos naturais, como colocado por Hidalgo e da Mata (2008). Esse tipo de padrão é tido como interindustrial ou comércio nos moldes Heckcher-Ohlin.

As transformações nas economias nos últimos anos refletiram-se na necessidade de aumento da competitividade das indústrias frente ao mercado internacional. A literatura baseada em Costa, (2012), Kupfer e Hasenclever, (2013) e Lima et al. (2015), apresentam diversos fatores que determinam a competitividade internacional. Tais fatores impactam de formas distintas nos diferentes segmentos produtivos.

A ascensão chinesa como potência global, pode desenrolar-se no fortalecimento da tendência do Brasil, como exportador de produtos intensivos em recursos naturais, ou seja, apresentando uma inserção regressiva nas cadeias de produção globais (CUNHA et al., 2011). Em particular, pode-se citar a concorrência dos produtos chineses no setor manufaturado de têxtil e de calçados e couro, que mesmo sendo intensivo em trabalho, fator que é abundante no território brasileiro, tem perdido espaço nas relações comerciais com a China (MACIEL, 2012).

Assim como toda a indústria manufatureira, a indústria têxtil e de confecções vem sendo prejudicada pelos problemas estruturais e conjunturais da economia brasileira, como o longo período de valorização da moeda nacional, custos elevados de energia, estado precário da infraestrutura, que acarreta ineficiências e altos custos e a burocracia que tem que ser enfrentada pelas empresas, ou seja, o Custo Brasil.

Estes fatores prejudicam a competitividade do setor e dificultam a capacidade de enfrentar a concorrência de importações, sobretudo da Ásia, que se beneficia de mão de obra extraordinariamente barata, da inexistência de legislações trabalhistas mais rígidas, da virtual ausência de custos decorrentes dos cuidados de preservação ambiental e dos inúmeros e substanciais subsídios concedidos aos seus exportadores, em especial, na China (ABIT, 2013).

Neste cenário, a China vem ganhando importância dentre os parceiros comerciais brasileiros, tanto pelo lado das exportações quanto das importações, tendo se tornado desde 2009 o principal parceiro comercial do Brasil, Nordeste e Pernambuco (BRASIL/MDIC/COMEXSTAT, 2018). Mas, diversos estudos revelam efeitos negativos da competição chinesa sobre as exportações brasileiras em países em desenvolvimento (HIRATUKA et al., 2012; MOREIRA, 2007; LALL; WEISS, 2004). Observando dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (BRASIL/MDIC/COMEXSTAT, 2018), percebe-se, inclusive que, quando se observa o comércio externo para este setor, a China é o grande mercado importador e exportador de produtos de confecções. Naturalmente, esta participação aumenta quando se observam apenas dados referentes ao comércio com a América do Sul. Isso revela que se o Brasil, Nordeste e Pernambuco quiserem exportar para algum país da América do Sul, terá que enfrentar uma concorrência com um mercado que é responsável por cerca de 80% das compras desses países.

Neste contexto, a análise do setor têxtil e de confecção através dos índices de competitividade e do modelo CMS propostos na seção da estratégia empírica é justificada pela significância desse setor em diversos pontos: i) segundo maior empregador da indústria de transformação, perdendo apenas para alimentos e bebidas (unidos); ii) segundo maior gerador do primeiro emprego; iii) quarto maior parque produtivo de confecção do mundo; iv) quinto maior produtor têxtil do mundo e v) o Brasil contempla a última cadeia têxtil completa do Ocidente, segundo a ABIT (2017).

O trabalho está estruturado em cinco seções, incluindo esta Introdução. A segunda seção apresenta o referencial teórico. Na sequência, serão apresentados a Estratégia Empírica; Resultados e Discussão. Por fim, são expostas as Considerações Finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Mercosul, como pensado por Prebisch (1959/2000),¹ deveria permitir a diversificação

¹ A data entre parênteses indica o ano de publicação original da obra, que só será indicada na primeira citação da obra no texto. Nas seguintes será registrada apenas a data de edição consultada pelo redator.

da produção dos países membros, aproveitando as vantagens comparativas complementares, na direção de uma cesta de produtos com maior volume de tecnologia e valor adicionado. Segundo a literatura do desenvolvimento econômico estruturalista, geraria a capacidade de ajustes desses países a choques externos, o qual é diretamente correlacionado à maior concentração de um conjunto pequeno de produtos na agenda exportadora. Mas segundo Baumann (2011), a proximidade dos países do Mercosul, não refletiu em reforço das possibilidades de integração produtiva entre as economias do bloco.

As especializações produtivas dos membros do Mercosul são caracterizadas pelo predomínio das exportações em bens primários e produtos manufaturados abundantes em recursos naturais. Esse tipo de especialização produtiva dificulta a integração dos países membros do bloco, uma vez que, na hierarquia da fragmentação das cadeias produtivas, estão inseridos nas cadeias produtivas de menor valor agregado na cadeia global de produção (COSTA, 2014).

Segundo Cunha et al. (2011), padrões de comércio intraindustrial, estão associados à possibilidade de ganhos dinâmicos derivados do comércio, enquanto padrões de comércio interindustrial estão associados a vantagens comparativas por dotação de fatores, ou conforme o modelo de Heckcher-Ohlin. Assim, o crescimento do fluxo de comércio com países que detêm tecnologias similares refletiria em um maior crescimento econômico, por possibilitar economias de escala. Nesse sentido, o comércio bilateral com a China tem um padrão interindustrial, diferentemente com o que ocorre, por exemplo, com a Argentina, em que predomina o comércio intraindustrial.

Conforme Hidalgo e da Mata (2008), a especialização em produtos que apresentam vantagens comparativas, gera oportunidades de ganhos de comércio, sendo um fator crucial para a inserção comercial econômica internacional em um ambiente altamente competitivo e fragmentado.

Utilizando como apoio o modelo de Heckcher-Ohlin e procurando ponderar sobre as transformações sucedidas no arcabouço das relações do comércio exterior, após a abertura comercial da década de 1990, Hidalgo e Feistel (2013) concluíram que é observável uma tendência de longo prazo de redução na participação de produ-

tos intensivos de capital e trabalho, assim como um aumento na participação dos produtos intensivos em recursos naturais na agenda das exportações brasileiras, isto quer dizer que, decorrente da economia brasileira ser bem dotada em recursos naturais (terra e minerais), o padrão de comércio no longo prazo tenderia a ser representado pela exportação de mercadorias cuja produção é intensiva em recursos naturais, enquanto importaria mercadorias cuja produção fosse intensiva no fator capital e trabalho.

Entretanto, ao analisar o período de 1996-2002, especificamente no Brasil, no Nordeste e em Pernambuco, Hidalgo e da Mata (2008) e Maciel (2012) evidenciaram um crescente aumento do comércio intraindustrial, mas ainda com uma predominância muito forte do comércio do tipo interindustrial. Significando um aumento de convergência tecnológica ou um aumento nas relações de comércio entre países, cujos produtos estão inseridos em um mesmo setor, limitando a percepção das vantagens comparativas, deixando visível que a competitividade de alguns produtos é explicada por diversas variáveis e não apenas as intensidades relativas de fatores.

O estudo de Lima (2006) apresentou o coeficiente de Gini-Hirschman, utilizado para conhecer o grau de fragilidade de uma economia, medindo a concentração regional de exportações, em que regiões concentram sua pauta exportadora em poucos produtos, tendendo a sofrer de instabilidades nas receitas cambiais, em razão de vulnerabilidades sobre as possibilidades de alteração das preferências dos consumidores na demanda internacional pelos grupos de produtos exportados. Observando os resultados do coeficiente de Gini-Hirschman, Maciel (2012) e Hidalgo e da Mata (2008) mostraram a falta de diversidade da economia pernambucana, com uma pauta de exportações básica, que incluía poucos produtos agrícolas e semielaborados, enquanto importavam produtos industrializados.

No período de 1996-2002, as exportações de Pernambuco eram concentradas em produtos primários, enquanto as exportações de manufaturados se comportaram muito abaixo do desejado. Havia barreiras que limitavam o aumento das exportações internacionais, significando o não aproveitamento das vantagens comparativas de seus produtos, possivelmente um efeito da prioridade das empresas do País de não investir em compe-

tividade, consequência da cultura enraizada de ausência de exportações, como resposta ao modelo de substituição de importações implantado de 1930-80, como colocado por (HIDALGO; DA MATA, 2004). Somado a esses fatores, são observados os efeitos nocivos de restrições comerciais praticados por países desenvolvidos, restringindo o volume exportado e beneficiando a exportação de produtos de baixo valor agregado.

A partir de 2003, com o aumento dos preços internacionais das *commodities* e o aumento da demanda mundial, Brasil, Nordeste e Pernambuco, tiveram as condições necessárias para absorverem grandes ganhos de comércio. Pernambuco teve em sua pauta exportadora, segundo Maciel (2012), a substancial concentração em 3 setores, os quais foram responsáveis pelo maior crescimento das exportações do período, alimentos, fumo e bebidas; plástico e borracha; e máquinas e equipamentos.

Diante da crescente demanda mundial registrada na primeira década do século XXI, uma mudança no cenário econômico internacional surge, na emergência da China como uma potência econômica global. Segundo Maciel (2012), a China tem buscado novos mercados para diversificar a dependência de suas exportações e de suas fontes energéticas.

Ribeiro (2018) usando o modelo de *Constant Market Share*, analisou os determinantes da variação do *market share* das exportações de um país, o desempenho das exportações brasileiras entre 2005 e 2016, período que foi prejudicado pela perda de competitividade da indústria brasileira, refletindo em perda de *market share* das importações mundiais. Neste caso, a perda de competitividade pode ser analisada pelos posicionamentos do Brasil, ao contrário das tendências apresentadas pelo resto do mundo, ou seja, pela manutenção de um grau de proteção elevado, quando comparado à média mundial; por apresentar atualmente uma estrutura de setorial de proteção similar a que existia antes da liberalização comercial; baixos níveis de integração à cadeia global de produção; não investiu em acordos comerciais e não tem um projeto de desenvolvimento industrial diferente do modelo de substituição de importações.

Naturalmente, a busca por uma estrutura produtiva competitiva que concorra no mercado internacional traz diversas consequências que tangenciam os impactos econômicos para o espaço geográfico

e geopolítico das regiões, como bem colocam Santos (2014) e Muniz (2014). No entanto, neste momento, estes fatores extrapolam o objetivo deste estudo e não serão discutidos.

3 ESTRATÉGIA EMPÍRICA

O recorte temporal dado para esta pesquisa compreendeu os períodos de 1997 a 2017.² Para o estudo do setor têxtil e de confecções, serão utilizados os capítulos 50 a 63 do Sistema Harmonizado (SH).³ As principais fontes de pesquisa foram a Secretaria de Exportação do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (SECEX/MDIC/COMEXSTAT⁴), Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco de Dados de Estatísticas do Comércio Internacional das Nações Unidas (UN-CONTRADE) e World Bank.

A caracterização da competitividade do setor têxtil e de confecções no Brasil, Nordeste e Pernambuco foram realizados com base na análise dos dados de exportação, importação, saldo da balança comercial e das taxas de crescimentos das variáveis do comércio internacional.

Para conhecer o grau de vantagem comparativa e a intensidade relativa do comércio do setor têxtil e de confecções no Brasil, Nordeste e Pernambuco em relação ao mundo e à China no período de 1997-2017 foram analisados os índices de vantagem comparativa revelada e comércio intraindústria, que seguiu fundamentalmente a abordagem metodológica de Lima (2006) e Maciel (2012) respectivamente, sendo dado maior notoriedade a escala do Nordeste, notadamente Pernambuco sem perder a visão do todo com a escala global e o impacto das relações internacionais com a China. Enquanto para mensurar o impacto da indústria chinesa sobre o setor têxtil e de confecções brasileiro, será usada a escala para o Brasil, sendo

2 Mas em algumas análises, o recorte considerou o apenas o período de 1997 e 2016, em razão da ausência de informações para o ano de 2017 no momento de tabulação e processamento dos dados. Isto aconteceu apenas em alguns indicadores e foram revelados em cada caso.

3 O Sistema Harmonizado (SH), é uma metodologia internacional de classificação de mercadorias, fundamentado em uma estrutura de códigos e respectivas descrições.

4 O sistema Aliceweb foi desativado e substituído por uma nova plataforma reformulada para simplificar consultas e extrações de dados estatísticos do comércio exterior brasileiro, o Comex Stat. Assim, os dados que foram apresentados com fontes do AliceWeb foram coletados antes da substituição pela nova plataforma.

utilizado um modelo *Constat Market Share* modificado, conforme Hiratuka et al. (2012).

3.1 Índice de Vantagem Comparativas Revelada (VCR)

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) indica a estrutura de exportações relativa de uma região ou país, assim como descreve os padrões de comércio em atividade, ou seja, exibe a capacidade de uma região em atender à demanda mundial por determinado produto ou setor. Quando o nível de exportações em uma economia de determinado produto ou setor é elevado em comparação com o nível de exportações de uma zona de referência desse mesmo produto ou setor, isso “revela” que essa economia consegue produzir esse bem ou conjunto de bens com vantagem comparativa revelada (FEISTEL; HIDALGO, 2012).

Portanto, o índice de vantagem comparativa revelada (VCR), tal como apresentado por Balassa (1965), mensura a vantagem comparativa dos produtos comercializados internacionalmente (LIMA; 2006):

$$VCR_{ij} = \frac{\frac{X_{ij}}{X_j}}{\frac{X_{iz}}{X_z}} \quad (1)$$

Sendo os valores US\$ FOB⁵:

X_{ij} = valor das exportações do produto i da região j ;

X_{iz} = valor das exportações do produto i da região z ;

X_j = valor total das exportações da região j ;

X_z = valor total das exportações da região z .

Quando a $VCR_{ij} > 1$, o produto i apresentará vantagem comparativa revelada e, quando a $VCR_{ij} < 1$, então o produto i apresentará desvantagem comparativa revelada. É perceptível que o valor das importações é rejeitado devido às políticas protecionistas existentes no período.

O cálculo da VCR feito por meio da fórmula (1) está baseado somente no valor das exportações, por considerar que as importações são muito

afetadas por barreiras protecionistas dos parceiros comerciais.

3.2 Índice de Comércio Intraindústria Agregado (ICCA)

O comércio intraindústria é caracterizado pela troca bilateral entre produtos similares, na qual as indústrias envolvidas tendem a produzir mercadorias sofisticadas e são exportadas principalmente por economias desenvolvidas que estão possivelmente subordinadas às economias de escala, com acesso a mercados ampliados (KRUGMAN; OBSTFELD, 2015).

O índice de Grubel e Lloyd (1975) é o indicador de comércio intraindústria agregado (ICCA) e procura captar a importância relativa da intensidade do comércio. A intensidade do comércio intraindústria ou intrassetorial possibilita uma ampliação da especialização produtiva de uma economia, sendo comercializados produtos de maior valor agregado e possibilitando uma inserção mais vantajosa nas cadeias globais de produção, enquanto o comércio interindustrial se caracteriza no comércio segundo o modelo Heckscher-Ohlin, ou seja, o país deve comercializar os produtos que tem mais os fatores abundantes para a produção.

Será analisado o comércio intrassetorial do setor têxtil e de confecções do Brasil, Nordeste e Pernambuco no período de 1997 a 2016 com relação ao mundo e em relação à China, visando apresentar as mudanças decorridas da maior competitividade internacional, enfrentada após a abertura comercial e a entrada da China no século XX.

Portanto, o Índice de Comércio Intraindústria Agregado (ICCA), mensura e avalia o grau de comércio intraindustrial, com base na equação (MACIEL, 2012):

$$ICCA = 1 - \frac{\sum |X_i - M_i|}{\sum (X_i + M_i)} \quad (2)$$

X_i = valor total das exportações do produto i ;

M_i = valor total das importações do produto i .

O valor numérico desse índice situa-se no intervalo entre zero e a unidade. Se o CIIA=0, configura-se como comércio interindustrial, se CIIA=1 torna-se um comércio intraindústria pleno.

⁵ A sigla FOB significa *free on board*. É um tipo de frete em que o comprador assume todos os riscos e custos com o transporte da mercadoria, assim que ela é colocada a bordo do navio.

3.3 Modelo *Constant Market Share* (CMS)

Pesquisas que empregam o modelo *Constant Market Share* (CMS) tem por objetivo mensurar a participação de um país, bloco econômico ou região no fluxo mundial de comércio em um dado período, através de uma análise desagregada das principais tendências de crescimento das exportações e ou importações, fundamentadas em seus principais determinantes de crescimento (SILVA, 2015).

Conforme o modelo teorizado por Leamer e Stern (1970), esse método de análise parte do pressuposto que a participação de um país no comércio mundial permanece constante. Sendo a diferença entre o crescimento efetivo das exportações e o volume das exportações do país, caso a participa-

$$\sum_k (V'_{ik} - V_{ik}) \equiv \sum_k (r_i V_{ik}) + \sum_k (r_{ik} - r_i) V_{ik} + \sum_k (V'_{ik} - V_{ik} - r_i V_{ik}) \quad (3)$$

$(V'_{ik} - V_{ik})$ representa a taxa de crescimento do valor das exportações do produto i da região j para o mercado;

V'_{ik} é o valor das exportações do produto i da região j para o mercado k no período 2;

V_{ik} é o valor das exportações do produto i da região j para o mercado k no período 1;

r_i refere-se à taxa de crescimento do valor das exportações mundiais do produto i , do período 1 para o período 2;

r_{ik} indica a taxa de crescimento do valor das exportações mundiais do produto i para o mercado k , do período 1 para o período 2.

A equação 3 permite desagregar a taxa de crescimento das exportações em três efeitos:

- *Efeito crescimento do comércio mundial*: indica se o crescimento das exportações ocorreu devido ao crescimento geral do comércio. Representa o percentual de crescimento observado se as exportações do país tivessem crescido à mesma taxa do comércio internacional.

- *Efeito destino das exportações*: ressalta se as mudanças decorrentes das exportações ocorreram em mercados que cresceram a taxas superiores ou inferiores à média observada no geral. Tendo um efeito positivo se o país exportador concentrou suas exportações em mercados que apresentaram maior dinamismo no período considerado e negativo se concentrado em mercados mais estagnados;

- *Efeito competitividade*: é o resíduo e representa a diferença entre o crescimento efetivo das

ção de cada bem, para os mercados importadores, tivesse permanecido constante, identificado como efeito competitividade.

A taxa de crescimento das exportações pode ser desagregada em três efeitos: crescimento do comércio mundial, efeito destino das exportações e efeito competitividade.

Com o objetivo de analisar a competitividade do setor têxtil e de confecções brasileiro em relação às exportações mundiais, se fez necessário determinar as fontes de crescimento das exportações. Será utilizada a equação completa do modelo, conforme proposta por Leamer e Stern (1970), reorganizada conforme objetivo proposto. A seguir, a expressão do Modelo *Constant Market Share* (CMS) utilizada:

exportações e o volume das exportações da economia se a participação de cada bem, para os mercados importadores, não tivesse se alterado. Ou seja, se a economia deixa de manter sua parcela no mercado mundial, o efeito competitividade torna-se negativo, indicando a falha em uma economia manter sua participação no mercado mundial, revelando perdas de competitividade.

Tendo como pressuposto que o modelo *Constant Market Share* (CMS) é fixado em pontos discretos no tempo; o período entre 1997 e 2016 foi dividido em quatro períodos fixos.

- a) 1997/2001 = período anterior à entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC);
- b) 2002/2008 = representa um período que caracteriza uma elevação das exportações brasileiras, apresentando um salto no volume exportado;
- c) 2009/2013 = indica o período em que a China se tornou o principal parceiro comercial, além de ser o período pós-crise mundial;
- d) 2014/2016 = considera a tendência ao arrefecimento do dinamismo do comércio internacional da China, assim como do comércio mundial do setor têxtil e de confecções.

Com o intuito de mensurar o impacto da indústria chinesa sobre o setor têxtil e de confecções brasileiro será utilizado um modelo modificado, conforme Hiratuka et al. (2012).

A equação 4 é usada para se desagregar a variação das partes de mercado das exportações de um país. Pode ser usada para exportações para um de-

terminado mercado, produto ou setor. Nesses casos, as dimensões, mercados e/ou produtos desaparecem e as perdas e os ganhos correspondem à variação da parcela de mercado multiplicada pelo valor das importações do país de destino ao final do período.

As perdas ou ganhos (p_i) podem então ser escritas da seguinte forma:

$$p_i = \sum_j (M_{ji}^t/M_i^t - M_{ji}^{t-1}/M_i^{t-1})M_i^t \quad (4)$$

M_{ji}^t representam as importações do Mundo provenientes do parceiro j , no produto i ;

M_i^t são as importações totais do Mundo, no produto i ;

t e $t-1$ representa, respectivamente, o período atual e o período anterior.

Esse modelo procura associar as perdas ou ganhos de exportações de um país qualquer para uma determinada região (ou país) às perdas e ganhos de seus concorrentes naquele mesmo mercado.

O valor das perdas, $p_{j,i}$ (ou ganhos, $g_{j,i}$) de exportações no mercado do país j no produto i em um determinado mercado (país ou região) corresponde a:

$$p_{j,i} = (mk s_{j,i}^{t-1} - mks_{j,i}^t) * M_i^t \quad (5)$$

$$mk s_{j,i}^t = \frac{M_{j,i}^t}{M_i^t} \quad (6)$$

Se, $mks_{j,i}^{t-1} > mks_{j,i}^t$ o país j perdeu *market share* naquele mercado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O comércio internacional deve ser analisado a partir de sua capacidade de adaptação à deman-

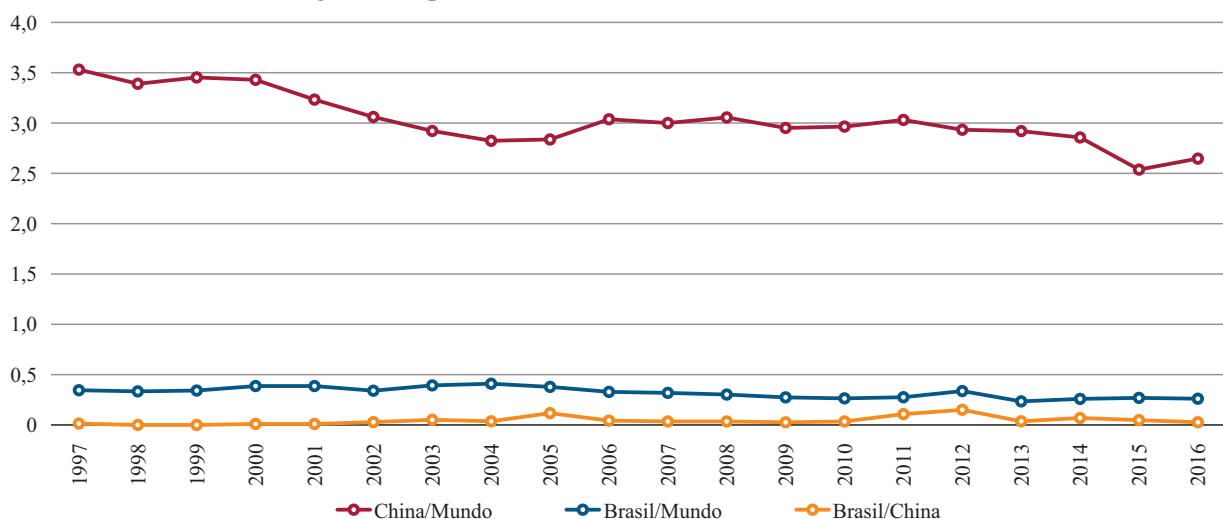
da mundial dos setores exportadores, verificando se há buscas por mercados considerados de demanda crescente ou dissipando esforços em mercados com demanda decrescentes. Segundo Melo (2007), é vital para a economia brasileira, formular estratégias de inserção internacional, uma vez que o fluxo de suas vendas ao exterior é diretamente influenciado pela demanda mundial de seus produtos.

4.1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

Segundo Lima (2006), as dificuldades enfrentadas pelo Brasil e Nordeste para a expansão de suas exportações, são de ordem interna, tendo em vista que, esses obstáculos estão presentes desde a criação da indústria nacional, com a cultura de produção voltada para o mercado interno, sistema tributário oneroso e complexo, custo de crédito alto, e burocracia nacional, limitando as possibilidades de inserção no mercado internacional.

O Gráfico 1 apresenta a evolução do índice de VCR durante o período 1997/2016, no comércio entre o Brasil e o Mundo, China e o Mundo e entre Brasil e China. Observa-se que o comércio entre Brasil/China e Brasil/Mundo, apresentaram ambos desvantagem comparativa revelada para o setor de têxtil e confecção em todo o período analisado, ou seja, o nível de exportação brasileiro do setor têxtil cresceu menos, do que, o crescimento das exportações desse setor, apresentado pela China e pelo Mundo, em todo o período analisado.

Gráfico 1 – Índice de Vantagem Comparativa Revelada de 1997 a 2016



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do UN Comtrade (2018).

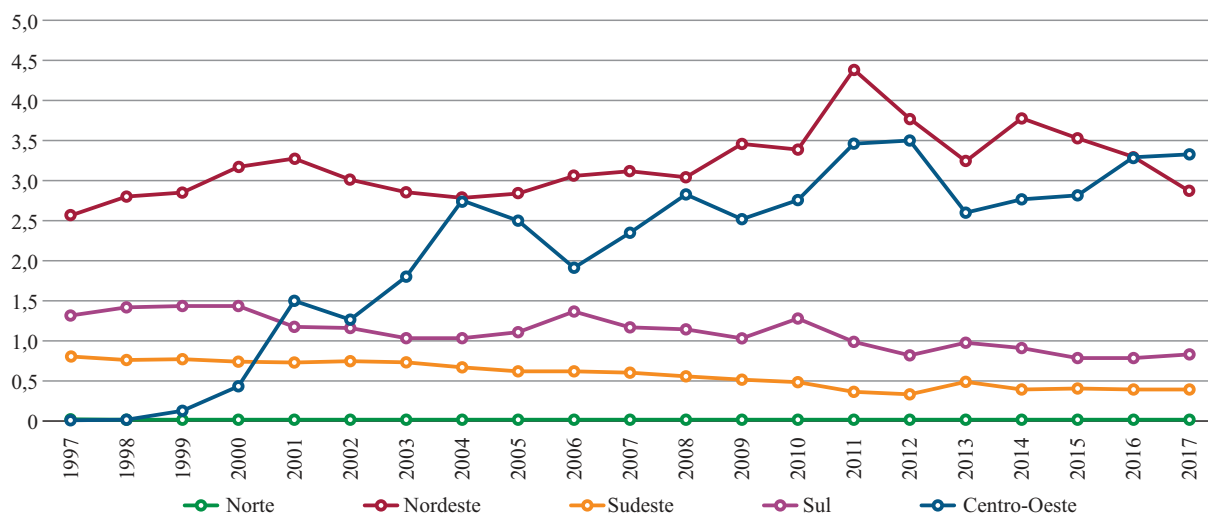
O comércio entre China/Mundo apresentou vantagem comparativa revelada em todo o período analisado, mas com trajetória decrescente, ou seja, o grau crescimento das exportações chinesas desse setor, superou o grau de crescimento das exportações do Mundo nesse setor. Sugerindo que o Mundo tem tido um aumento da demanda do setor têxtil e de confecções, mas o Brasil não está conseguindo competir, por não apresentar competitividade nessa indústria em relação ao resto do Mundo.

Com o fim do Acordo sobre Têxteis e Vestuário (ATV) em 2005, o Brasil foi inserido em um cenário de liberalização mundial do comércio têxtil. Ainda analisando o Gráfico 1, observa-se que na curva de VCR do Brasil-Mundo, o Brasil registra seu maior nível de competitividade revelada em 2004, indicando um valor de 0,41, o que significa a participação do Brasil nas exportações dessa indústria de 59% menor do que a sua participação nas exportações de todos os produtos. E segue uma

trajetória declinante, até terminar o período analisado em 2016, com um valor de VCR de 0,26, indicando uma grande perda de competitividade e participação no mercado. Indicando que após o fim do ATV, o país não conseguiu mostrar evolução alguma em seu índice VCR.

Analisando a evolução do índice VCR do setor têxtil e de confecção, entre o comércio das regiões brasileiras com o mundo, chega-se a resultados mais favoráveis. O Gráfico 2 mostra que apenas as Regiões Norte e Sudeste, apresentam desvantagem comparativa em todo o período analisado. O Sul começa o período com vantagem comparativa superior 1, mas no decorrer do período oscila bastante, até apresentar desvantagem comparativa a partir de 2011. Enquanto o Centro-Oeste apresenta vantagem comparativa positiva e crescente a partir de 2011 e o Nordeste apresenta vantagem comparativa em todo o período analisado, sendo ultrapassado pelo Centro Oeste em 2017.

Gráfico 2 – Índice de Vantagem Comparativa Revelada das regiões de 1997 a 2017



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do BRASIL/MDIC/ALICEWEB (2018).

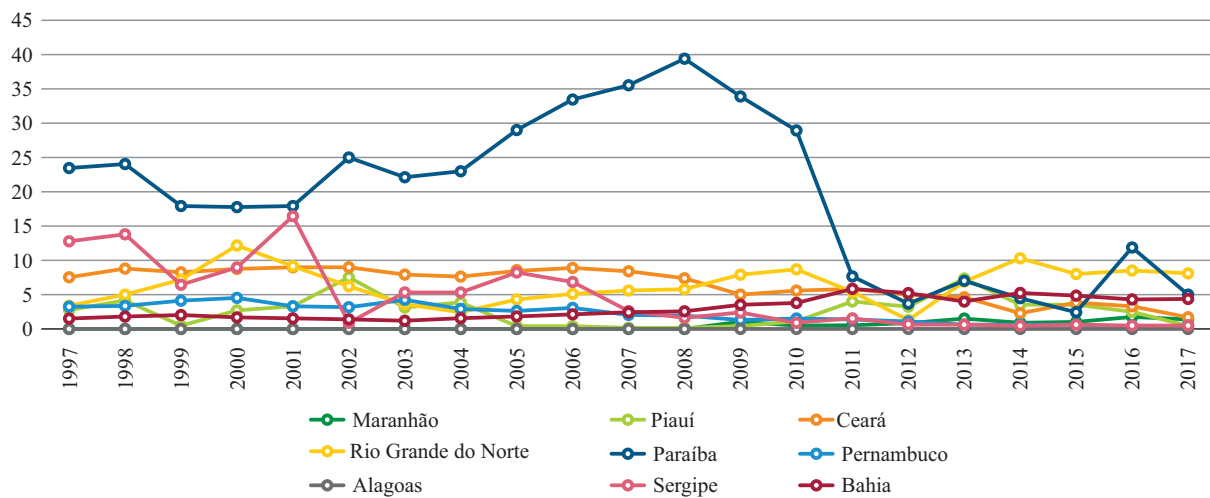
O elevado grau de vantagem comparativa do Nordeste brasileiro pode ser explicado pelas mudanças ocorridas no setor têxtil e de confecções após a abertura comercial. Empresas desse setor tiveram que tomar uma postura defensiva, reduzindo vagas de trabalho em alguns elos da cadeia produtiva têxtil, importando insumos, tornando-se mais eficientes, especializando-se na produção, buscando a terceirização. E uma das medidas que tornou esse quadro viável foi justamente o deslocamento dessas empresas para o Nordeste, que ainda apresenta custos menores (COSTA et al., 2013).

Observando o comércio Região Nordeste, através do Gráfico 3, é possível ver que Bahia, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe, apresentaram vantagem comparativa revelada em todo o período no comércio com o mundo no setor têxtil e de confecções, indicando que esses estados conseguiram atender à demanda mundial do setor, produzindo os bens desse setor com vantagem comparativa revelada. Alagoas por apresentar desvantagem comparativa revelada em todo o período, demonstrou a incapacidade de produzir o bem com vantagem comparativa revelada. Enquanto Maranhão, Pernambuco

e Piauí apresentaram oscilações com períodos mantendo vantagem comparativa revelada em

comparação ao mundo, e períodos apresentando desvantagem comparativa revelada.

Gráfico 3 – Índice de Vantagem Comparativa Revelada do Nordeste de 1997 a 2017

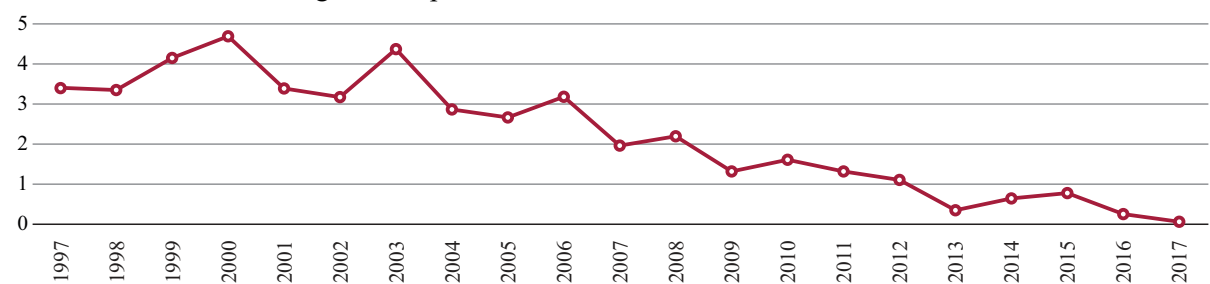


Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do BRASIL/MDIC/ALICEWEB (2018).

Pernambuco apresentou uma queda consistente no seu índice de VCR. No Gráfico 4 vê-se a evolução de um índice de 3,41 no começo do período até o índice mais baixo registrado de 0,06 no fim do período em 2017, o que significa que a participação de Pernambuco nas exportações dessa indústria em 2017 é 94% menor do que a sua participação nas exportações de todos os produtos, enquanto em 2000 (valor pico do VCR) sua

participação era 468% maior no setor têxtil e de confecções, do que sua participação nas exportações de todos os produtos. Lima (2006), ao analisar o VCR de Pernambuco entre 2001 e 2005, já registrava essa tendência negativa de queda, apresentando um VCR de 3,41 em 2001, caindo para 2,62 em 2005. Tendência similar é apresentada por Maciel (2012), apresentando um índice de VCR de 3,15 em 2006, caindo para 1,56 em 2010.

Gráfico 4 – Índice de Vantagem Comparativa Revelada de Pernambuco de 1997 a 2017



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do BRASIL/MDIC/ALICEWEB (2018).

Hidalgo e Da Mata (2004), ao analisarem o período de 1996/2002, concluíram que apenas os capítulos: 55 - Fibras sintéticas artificiais, descontínuas; 58 - Tecidos especiais, rendas, tapeçarias etc.; 61 - Vestuário e seus acessórios, de malha e 62 - Vestuário e seus acessórios, exceto de malha, seriam competitivos no exterior, por apresentarem vantagem comparativa revelada e taxa de cobertura maior que a unidade. Nesse período, os autores citados anteriormente concluíam que faltava modernização na indús-

tria, além de um maior estímulo à produção e um consequente aumento na abertura comercial do estado, mesmo com os ganhos de competitividade internacional nesses períodos, decorrente da desvalorização cambial e da melhora da logística do Estado.

Segundo Maciel (2012), a diminuição crescente das vantagens comparativas reveladas no período de 2003/2010 foi resultado em sua maior parte, das importações de peças têxteis da China.

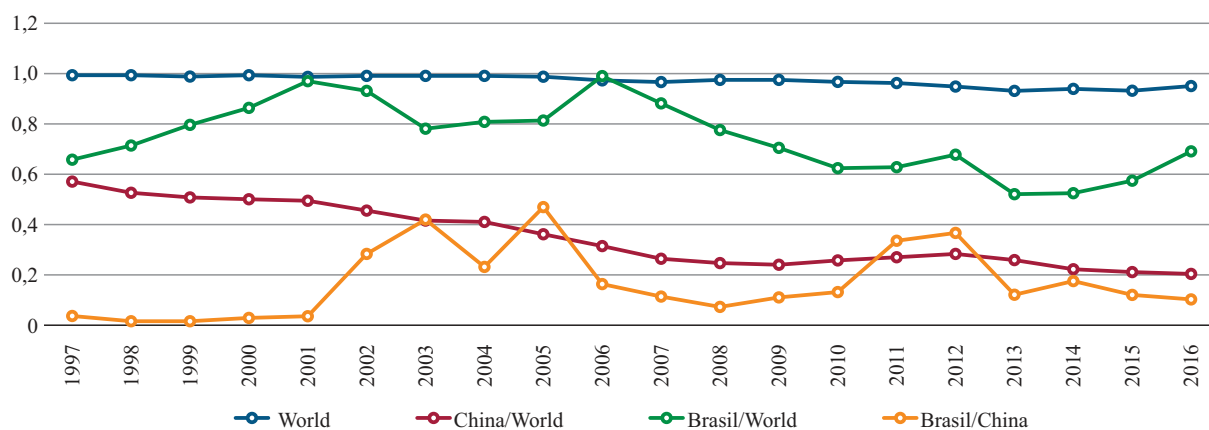
4.2 Índice de Comércio Intraindústria Agregado (ICCA)

Com o crescimento da globalização e integração industrial, a proporção do comércio intraindústria no comércio mundial cresceu consideravelmente. Esse tipo de comércio é caracterizado pela troca bilateral entre produtos similares, quando as indústrias envolvidas tendem a produzir mercadorias sofisticadas e são exportadas, principalmente, por economias desenvolvidas que estão possivelmente subordinadas às economias de escala, com acesso a mercados ampliados (KRUGMAN; OBSTFELD, 2015).

O Gráfico 5 revela que o tipo de comércio de interação entre os países internacionalmente

(Mundo) no setor têxtil e de confecções é intraindustrial, com um índice próximo a 1, em todo o período entre 1997-2016, mostrando que em média, suas indústrias apresentaram especialização produtiva. Analisando o curso do comércio entre a China e o Mundo nesse setor, percebe-se no começo do período um padrão de comércio intraindústria (0,57), apresentando trajetória decrescente no resto do período, até apresentar no fim do período o valor mais baixo desse registro (0,2), caracterizando um padrão de comércio interindustrial, sugerindo uma tendência de especialização segundo o princípio das vantagens comparativas de Heckscher-Ohlin, no caso da China, intensiva em mão de obra barata.

Gráfico 5 – Índice de Comércio Intraindústria do setor têxtil e de confecções de 1997 a 2016



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da UN Comtrade (2018).

Segundo o Gráfico 5, percebe-se que o padrão de comércio entre Brasil e China e Brasil e Mundo, apresenta semelhanças em suas trajetórias de crescimento e quedas, com exceção 1997-2001, 2008, e 2015 e 2016. Através das análises desses dados, é possível inferir que o padrão comércio entre Brasil e Mundo no setor têxtil e confecções é necessariamente intraindustrial, apresentando um ICCA médio de 0,75, ou seja, o comércio entre Brasil e o Mundo tem se caracterizado pela troca bilateral entre produtos similares, mantendo suas exportações e importações em valores próximos. Esse resultado é similar ao encontrado por Silva et al. (2017), dentre os 14 setores analisados entre 1999 e 2014, o setor têxtil foi um dos três que indicaram comércio do tipo intraindustrial ao longo do período, apresentando uma média de 0,77.

O padrão de comércio entre Brasil e China é necessariamente interindustrial, apresentando um

ICCA médio de 0,17, ou seja, o comércio entre Brasil e China é caracterizado pelas vantagens comparativas do tipo Heckscher-Ohlin, e um crescimento acentuado nas importações em relação às exportações.

As mudanças nas trajetórias são explicadas pela entrada da China na OMC em 2001, o que reduziu a participação de antigos parceiros comerciais que mantinham comércio bilateral entre produtos similares, como a Argentina. Em 2008, com o início da crise financeira, houve novo aumento da participação da China sobre o setor, devido a retração do comércio mundial, e após 2014, o arrefecimento do crescimento comercial da China, permitiu a expansão da participação de parceiros comerciais, com um nível de desenvolvimento produtivo similar, como Argentina, Bangladesh, Indonésia, Turquia, Vietnã e Paraguai, que indica o aumento dos destinos das exportações brasileiras no setor

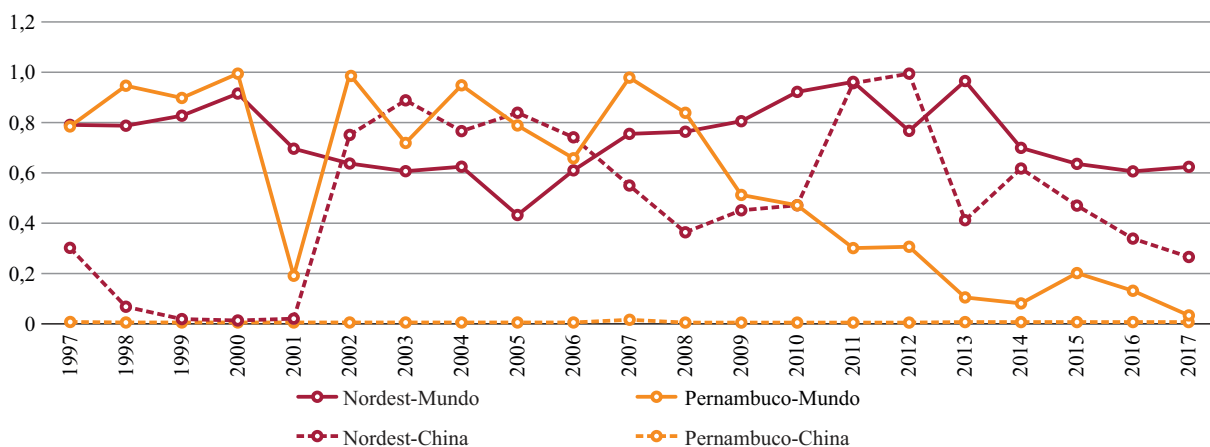
têxtil e de confecções, o que possivelmente elevou o padrão de comércio intraindústria entre Brasil e Mundo, nos anos de 2015 e 2016.

Um comércio do tipo intraindústria é ansiado devido as suas relações com a capacidade de comercializar produtos de maior valor agregado, fruto dos ganhos de comércio advindos do aumento de produtividade, vantagens competitivas, economias de escala, especialização e eficiência sobre custos, conforme Cunha et al (2011) e Feistel e Hidalgo (2012).

O Gráfico 6 revela o padrão de comércio intraindústria internacional do Nordeste e do

tipo interindústria para Pernambuco, no período de entre 1997 e 2017. Nordeste e Pernambuco começam o período apresentando um ICCA de aproximadamente de 0,8, indicando um padrão de comércio do tipo intraindustrial, mas no fim do período analisado, o Nordeste apresenta um ICCA de 0,62, ainda com padrão de comércio intraindustrial, enquanto Pernambuco tem um ICCA, que apresentava 0,78 no início do período, termina o período em 0,03, apontando para uma especialização de comércio do tipo interindustrial ou Heckscher-Ohlin.

Gráfico 6 – Índice de Comércio Intraindústria Agregado do Nordeste e de Pernambuco, referentes ao setor têxtil e de confecções de 1997 a 2017



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do BRASIL/MDIC/ALICEWEB (2018).

Maciel (2012) registra resultado similar no índice de comércio intraindústria no comércio internacional pernambucano, no setor têxtil e de confecções entre o período 2003 e 2010, apresentando um ICCA de 0,72 em 2003, e 0,47 em 2010, ou seja, uma tendência ao aumento do comércio do tipo interindustrial nesse setor.

Ainda no Gráfico 6, é identificado um padrão de comércio interindustrial no comércio bilateral entre Nordeste e Pernambuco com a China, no período entre 1997 e 2017. Nordeste começa o período com um índice de cerca de 0,30, oscilando muito durante o período, apresentando um índice em 2012 de 0,99 e, após esse ano, uma tendência de queda, até apresentar um índice de 0,26 no fim do período, enquanto Pernambuco, em boa parte do período só não apresenta exportações desse setor para a China, revela um ICCA de 0 ou próximo a 0 em todo o período analisado, apontando para uma especialização de comércio do tipo interindustrial plena.

Comparando os ICCA entre Nordeste e Pernambuco, em seu comércio internacional com o resto do Mundo e em seu comércio bilateral com a China, no setor de têxtil e de confecções, os dados revelam que o comércio de Pernambuco com o resto do Mundo, acompanhou a tendência de queda do ICCA em comparação ao comércio entre Pernambuco e a China, apontando um abandono relativo à especialização desse setor produtivo. O Nordeste conseguiu manter um padrão de comércio do tipo intraindústria com o mundo e apresentou oscilações do padrão de comércio com a China, no entanto, com uma tendência ao padrão de comércio do tipo interindustrial após 2014.

Segundo Feistel e Hidalgo (2012), a trajetória do ICCA do Nordeste está associada, ao seu processo de industrialização voltado para atender às demandas do Sudeste, impactando negativamente a capacidade de competir internacionalmente, além disso, pelo Nordeste não possuir polos industriais dinâmicos, se intensificaram as barreiras à

integração em economias com processo produtivo semelhante no comércio internacional. Ainda segundo Feistel e Hidalgo (2012), o Nordeste possui uma economia semi-industrializada abundante no fator trabalho e escassa em capital, e há possibilidades de conquistar mercados para exportar produtos intensivos em capital, aproveitando os ganhos de escala, advindos dos investimentos, no polo petroquímico, na indústria de construção naval, na indústria automobilística e na indústria farmacêutica, podendo gerar efeitos de transbordamentos sobre a relação comercial entre Nordeste e Mundo.

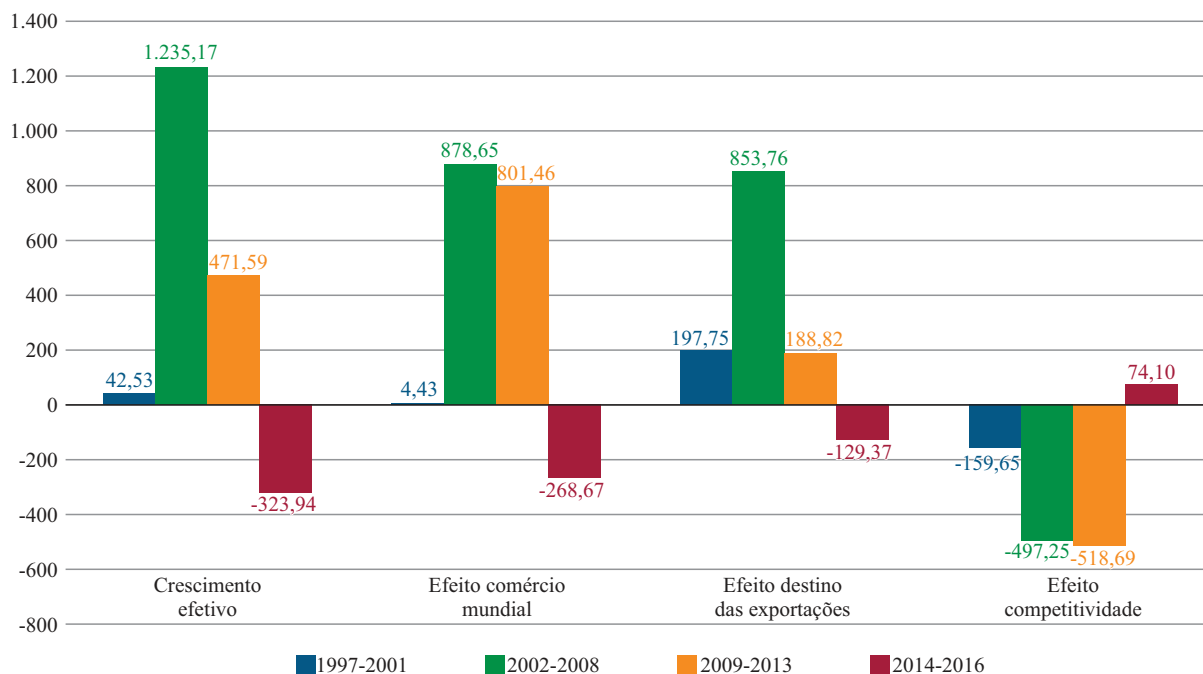
Segundo Lima (2006), um problema enfrentado pela economia pernambucana, e que possivelmente tem explicado a redução de seu índice de comércio intraindústria, foi a concorrência com os produtos chineses, com preços muito menores, decorrentes dos menores salários, taxa de câmbio desvalorizada, menor tributação e burocracia. Segundo ele, houve uma invasão de produtos chineses no setor de têxtil e de confecções, que gerou uma diminuição das vantagens

comparativas reveladas desse setor. Poder-se-ia questionar se o argumento da “invasão chinesa” ainda seria um argumento válido para os dias atuais, mas as evidências apontam que o texto parece ter sido escrito em 2018, tal qual sua atualidade dos fatos.

4.3 Constant Market Share (CMS)

Os resultados alcançados no modelo de *Constant Market Share* (CMS), através do método de Leamer e Stern (1970), permitem analisar quais fatores desempenharam maior influência nas fontes de crescimento das exportações brasileiras do setor têxtil e de confecções. Dada a não disponibilidade de dados completos de exportações mundiais para o ano de 2017, necessários para o cálculo do referido modelo, o período de análise foi definido entre os anos de 1997 a 2016. Dito isto, as principais fontes de crescimento das exportações brasileiras do setor têxtil e de confecções, no período analisado são apresentadas no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Análise CMS das exportações brasileiras do setor têxtil e de confecções entre 1997 e 2016: efeitos competitividade, comércio mundial e destinos – impacto sobre o valor do crescimento efetivo (milhões US\$)



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do UN Comtrade (2018).

Com base no Gráfico 7, pode-se observar o impacto dos três efeitos sobre o crescimento efetivo do setor em diversos períodos. No período entre 1997 e 2001, o efeito destino das exportações foi o

principal responsável pelo crescimento das exportações efetivas do período, tendo sido responsável por 465% na participação do crescimento efetivo nesse período, com as exportações do setor con-

centradas nos mercados dos EUA e Argentina, os quais se mostraram mercados de destinos dinâmicos para o setor de têxtil e de confecções. O efeito comércio mundial foi responsável por 10% do crescimento das exportações efetivas. Efeito esse já esperado devido ao pequeno crescimento das exportações mundiais desse setor no período.

O efeito competitividade apresentou uma participação negativa de -375% no crescimento efetivo, o que pode estar ligado ainda à dificuldade de adaptação da competição externa das empresas no setor no período analisado, tendo em vista a cultura ligada à produção para atender a demanda interna e proteção comercial que o setor mantinha antes da abertura comercial de 1990.

Analisando o período de 2002 a 2008, comparados ao período analisado anteriormente (1997 a 2001), observa-se que, diferentemente do período anterior, o efeito comércio mundial, se torna o principal determinante no crescimento das exportações efetivas, com participação no crescimento de 71%. Segundo Soares (2013), houve uma melhor performance da economia mundial, além de um aumento da liquidez internacional no mercado internacional, impactando diretamente o comércio internacional. Essa mudança do cenário internacional pode ter ligação com mudanças no poder de compra do importador, elevando a demanda pelos produtos do setor brasileiro, mesmo o Brasil não se revelando competitivo no período. Em outras palavras, a maior participação do crescimento efetivo das exportações brasileiras no setor têxtil e de confecções, foi consequência do crescimento das exportações mundiais.

O efeito destino das exportações entre 2002 a 2008 apresentou uma participação no crescimento efetivo de 69%, podendo ser explicado pela diminuição da participação dos EUA e Argentina como mercados de destinos e do aumento de participação de outros parceiros como Indonésia, Vietnã e a China.

Quanto ao efeito competitividade no período de 2002 a 2008, continuou sendo o efeito que contribuiu menos com o crescimento das exportações efetivas, apresentando uma participação negativa de -40%. Essa redução de competitividade pode ser explicada pelo setor mantendo altas tarifas de importação, aumentando o custo de produção nacional e, conseqüentemente, reduzindo sua pro-

dutividade e competitividade internacional (MIRANDA, 2018).

Segundo Miranda (2018), o Brasil, em 1990, apresentou uma estrutura tarifária média que ultrapassava 30%, chegando a alcançar a marca dos 11% em 1995, depois de um período de leve variação, voltou à taxa de 11,5% em 2007, mantendo-se praticamente constante no resto do período. Kume (2018) mostrou que muitos países têm intensificado as reduções em suas tarifas aduaneiras de produtos industrializados, ao contrário do Brasil: no Chile, a tarifa diminuiu de 11%, em 1998, para 6%, em 2003; na África do Sul, de 14,5%, em 1996, para 7,4%, em 2002; na Índia, de 38,8%, em 1996, para 9,9%, em 2008; na Indonésia, de 15,4%, em 1995, para 6,7%, em 2002; no México, de 17,1%, em 1999, para 5,8%, em 2012; e na China, de 21,9%, em 1996, para 14,6%, em 2001 e 9% em 2005.

Essa intensificação da redução das tarifas aduaneiras segue as tendências de redução das taxas de proteção tarifária apresentada na maior parte dos países emergentes e em desenvolvimento (RIBEIRO, 2018).

No período entre 2009 e 2013, em comparação com o período anterior (2002 a 2008), o efeito comércio mundial, continuou sendo o principal determinante do crescimento efetivo das exportações, contribuindo com 170% no aumento das exportações efetivas do setor. Podendo ser explicado pela rápida recuperação do setor diante da crise financeira de 2008, voltando a crescer já em 2010 a patamares similares a 2008. O efeito destino das exportações continuou reduzindo sua participação como determinante sobre o crescimento efetivo das exportações de têxteis e confecções em comparação aos períodos anteriores, contribuindo com 40% sobre o crescimento efetivo das exportações, no período entre 2009 e 2013, podendo ser explicado pela maior participação nas exportações, os mercados de destino da China, da Indonésia e do Vietnã. Em contrapartida, a contínua redução da participação dos EUA e Argentina – que mesmo nessa pauta de países mantém mercados dinâmicos para esse setor – mostra um dinamismo cada vez menor.

No período entre 2009 a 2013, o efeito competitividade apresentou novamente uma contribuição negativa (-110%) sobre o crescimento efetivo das exportações. Possivelmente explica-

do pelos elevados níveis de custo de produção do setor, apreciação do câmbio, como fatores estruturais (logística).

No último período analisado (2014-2016), Brasil perde participação no mercado desse setor, tendência seguida pela queda das exportações mundiais do setor têxtil e de confecções a partir de 2014. Houve redução do crescimento das exportações mundiais, assim como o efeito destino das exportações, apresentando a concentração das exportações para mercados que apresentaram crescimento menos dinâmico. O efeito competitividade foi o único que contribuiu para o crescimento efetivo nas exportações no período, o que pode explicar o arrefecimento da participação da China no setor, em paralelo a uma competição com países com um nível de desenvolvimento similar com o Brasil, como a Argentina.

A perda do *quantum* no valor das exportações pelo efeito competitividade, impossibilitou que o Brasil se beneficiasse plenamente do efeito positivo do crescimento da demanda pelos produtos do setor têxtil e de confecções. Segundo Ribeiro (2018), o País continua preservando uma alta proteção comercial, quando comparado à média mundial e a países de nível de renda similar, mantendo alíquotas setoriais similares à década de 1980 e ainda integrado nos níveis mais baixos na hierarquia das cadeias globais

de valor, ou seja, o desempenho exportador do setor têxtil e de confecções diante desse cenário vem sendo prejudicado diante da falta de competitividade, apresentada diante desse cenário.

Utilizando o modelo CMS modificado, conforme Hiratuka et al. (2012), a Tabela 1 revela as perdas e os ganhos no setor analisado no comércio entre o Brasil e China. A evolução do *market share* do Brasil no mercado chinês se traduziu em perdas líquidas no primeiro (1997-2001) e último períodos (2002-2008), enquanto registrou ganhos líquidos durante o segundo (2002-2008) e terceiro períodos (2009-2013). A evolução do *market share* da China no mercado brasileiro se mostrou mais agressivo, passando de um *market share* de 7,1% em 1997 para 50,3% em 2016. Isso gerou ganhos líquidos nos três primeiros períodos, e perda no último período, no terceiro período houve um ganho líquido da ordem de US\$ 1,057 bilhões e no terceiro período de US\$843,85 milhões, valores muito superiores aos ganhos que o Brasil obteve com o ganho de mercado na China. Esta análise da variação na participação dos fluxos de comércio revelou uma evolução agressiva sobre a inserção da China no mercado doméstico brasileiro diante do período analisado, com exceção do último período, no qual apresentou perda de participação no mercado doméstico brasileiro.

Tabela 1 – Perdas ou ganhos no setor têxtil e de confecções do Brasil no mercado da China, 1997- 2016 (Em US\$ milhões)

	Market-share no mercado*								Perdas ou Ganhos			
	1997	2001	2002	2008	2009	2013	2014	2016	1997-2001	2002-2008	2009-2013	2014-2016
Brasil- China*	0,1%	0,0%	0,1%	0,3%	0,4%	0,9%	0,9%	0,6%	-12,0	46,1	196,3	-95,2
China- Brasil*	7,1%	7,4%	9,1%	36,7%	39,3%	51,7%	53,3%	50,3%	3,9	1057,5	843,9	-125,8

Fonte: elaborada pelos autores com base nos dados do *UN Comtrade* (2018).

Segundo Soares (2013), houve um avanço do *market-share* da China no mercado doméstico brasileiro, assim, o avanço dos produtos do setor têxtil e de confecções ganhou mercado tanto dos fornecedores nacionais, causando prejuízos aos produtores nacionais, quanto de terceiros países. Ainda segundo esse autor, os ganhos chineses sobre o setor têxtil são preocupantes pelos efeitos negativos em relação à produção desse setor,

podendo impactar negativamente na geração de empregos. Uma vez que, de acordo com Bahia e Pinheiro (2017), o complexo têxtil⁶ além de ser um dos mais sensíveis em relação à competitividade, apresenta a maior capacidade de absorção da força de trabalho, em conjunto ao complexo da construção civil.

6 O complexo têxtil citado foi denominado incluindo tanto a cadeia têxtil propriamente dita, quanto a cadeia de calçados (BAHIA; PINHEIRO, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a competitividade internacional da indústria têxtil e de confecções brasileira, nordestina e de Pernambuco frente à concorrência chinesa, no período de 1997 a 2017. Nesse sentido, verificou-se que o Brasil possui desvantagem comparativa revelada em relação aos produtos do setor têxtil e de confecções durante o período 1997/2016, no comércio tanto entre o Brasil e o Mundo, quanto entre o Brasil e China. O Nordeste apresentou vantagem comparativa relativa em relação aos produtos do setor têxtil e de confecções durante o período 1997-2017, enquanto Pernambuco apresentou uma queda consistente do seu índice de vantagem comparativa revelada, até apresentar desvantagem comparativa revelada a partir de 2012.

O índice de comércio intraindústria do setor têxtil e de confecções de 1997 a 2017 entre Brasil e Nordeste no comércio mundial foi revelado no período como intraindustrial, enquanto esse índice em Pernambuco em seu comércio internacional foi verificado nos últimos anos como interindustrial, ou seja, enquanto Brasil e Nordeste têm um comércio no setor têxtil e de confecções caracterizado pela troca bilateral entre produtos similares – o que pode ter possibilitado ganhos de especialização produtiva nesse setor – Pernambuco tem competido no comércio internacional via preços. O índice de comércio intraindústria do setor têxtil e de confecções de 1997 a 2016 entre Brasil, Nordeste e Pernambuco no comércio bilateral com a China indicou que o Brasil apresenta um comércio do tipo interindustrial com a China, o Nordeste brasileiro apresentou tendências de um comércio do tipo interindustrial e Pernambuco apresentou um comércio interindustrial pleno em quase todo o período analisado.

Através da análise dos dois índices de competitividade, pode-se inferir que houve perda de competitividade diante dos produtores externos, sobretudo com a China. O que é explicado diante da apreciação da moeda brasileira, das questões logísticas que encarecem o custo do transporte na indústria têxtil nacional e regional, custos elevados de tributação, que dificultam aos produtores do país concorrerem de forma competitiva nos mercados internacional e doméstico, além do alto grau de proteção comercial do setor.

A análise do modelo CMS revelou que o crescimento efetivo das exportações dos produtos do setor têxtil e de confecções entre os anos de 1997 e 2017 foi resultado da alta demanda externa desses produtos, além de terem sido exportados para mercados de destino dinâmicos, cuja parcela de mercado brasileira poderia ter sido maior, se o país tivesse apresentado competitividade internacional, ou seja, houve perda do *quantum* no valor das exportações pelo efeito competitividade, impossibilitando que o Brasil se beneficiasse plenamente do efeito positivo do crescimento da demanda pelos produtos do setor têxtil e de confecções.

A análise das perdas ou ganhos da participação dos fluxos de comércio através do modelo *Constant Market Share* (CMS) revelou ainda uma evolução agressiva sobre a inserção da China no mercado doméstico brasileiro diante do período analisado, com exceção do último período, no qual apresentou perda de participação no mercado doméstico brasileiro. A partir dessa análise do modelo CMS, pode-se inferir que os ganhos de participação chinesa no mercado doméstico do setor têxtil e de confecções são preocupantes pelos efeitos negativos em relação à produção desse setor, o que pode refletir negativamente sobre o mercado de trabalho.

Portanto, tomar conhecimento de quais foram os determinantes do crescimento das exportações do setor têxtil e de confecções é vital para se analisar tendências e avaliar políticas para melhor inserção do setor no comércio internacional, pois, diante das tendências reveladas em todo o período, é de se esperar que a participação do efeito competitividade no crescimento das exportações do setor têxtil e de confecções se mantenha caindo, sendo necessário combater as barreiras ao aumento da competitividade do setor.

Não podendo competir em preços com os principais produtores dessa indústria, principalmente a China, o Brasil, Nordeste e sobretudo Pernambuco, poderiam ocupar nichos de mercado nos quais apresentem vantagens competitivas, além de um comércio bilateral do tipo intraindustrial, como é o caso específico do comércio com Argentina ou outros países da América do Sul. Por fim, é necessário aumentar a competitividade desse setor, mas é insensato no contexto de competição acirrada, especialmente da parte da China, que não seja construída de maneira

estratégica uma política comercial voltada para o desenvolvimento do setor com a geração e manutenção de empregos estáveis.

REFERÊNCIAS

- ABIT, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÕES. Indústria Têxtil e de Confecção Brasileira. 2013-2017. Disponível em: < <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>>. Acesso em: jan. 2018.
- BAHIA, L. D.; PINHEIRO, B. R. **Evolução dos índices de tecnologia dos complexos têxtil e construção civil no Brasil (1985-2009)**. Texto para Discussão, n. 2292. Brasília: Ipea, 2017.
- BALASSA, B. **Trade liberalization and revealed comparative advantage**. Washington, DC: World Bank, 1965.
- BAUMANN, R. **O Mercosul aos vinte anos: uma avaliação econômica**. Texto para Discussão, 1627. Brasília: Ipea, 2011.
- COSTA, K. G. V. D. Fragmentação internacional da produção e sofisticação das exportações: uma análise a partir dos fluxos de comércio do Mercosul entre 1994 e 2012. In: Encontro Nacional de Economia – Anpec, 42., **Anais...**, Florianópolis, 2014.
- COSTA, L. V., et al. Competitividade e padrão de especialização do fluxo industrial de comércio exterior do Paraná, 1996 a 2008. **Revista de Economia**, v. 38, n. 3, p.7-29, 2012.
- CUNHA, A. M. et. al. China's rise and its impacts on Brazilian economy: trade and business cycles convergence. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 15, n. 3, p. 406-440, 2011.
- COSTA, A. B.; CONTE, N. C.; CONTE, V. C. A China na cadeia têxtil – vestuário: impactos após a abertura do comércio brasileiro ao mercado mundial e do final dos Acordos Multifibras (AMV) e Têxtil Vestuário (ATV). **Revista Teoria e Evidência Econômica**, v. 19, n. 40, p. 9-44, 2013.
- FEISTEL, P. R.; HIDALGO, A. B. **A competitividade das regiões brasileiras no intercâmbio comercial com a China**. 2012. Disponível em: http://edi.bnb.gov.br/content/ /eventos/ /docs/ sim3_mesa2_a_competitividade_regioes_brasileiras_intercambio_comercial_china.pdf. Acesso em: 04 mar. 2018.
- GRUBEL, H.; LLOYD, P. **Intra-industry trade: the theory and the measurement of international trade in differentiated products**. London: Macmillan, 1975.
- HIDALGO, A. B.; DA MATA, D. F. P. G Exportações do estado de Pernambuco: concentração, mudança na estrutura e perspectivas. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 35, n. 2, p. 264-283, 2004.
- HIDALGO, A. B.; MATA, F. P. G. D. Inserção das regiões brasileiras no comércio internacional: os casos da Região Nordeste e do Estado de Pernambuco. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 79-108, 2008.
- HIDALGO, A. B. ; FEISTEL, P. Mudanças na estrutura do comércio exterior brasileiro: uma análise sob a ótica da teoria de Heckscher-Ohlin. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 79-108, 2013.
- HIRATUKA, C. et al. Avaliação da competição comercial chinesa em terceiros mercados. In: BITTENCOURT , G. **El impacto de China en América Latina: Comercio e Inversiones**. [S.l.]: Red Mercosur, Cap. 3, 2012.
- KUPFER, D.; HASENCLEVER, L. **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. Elsevier, 2013.
- KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD M. **Economia internacional**. 10. ed. São Paulo: Pearson, 2015.
- KUME, H. As tarifas aduaneiras no Brasil são excessivamente elevadas? **Radar: tecnologia, produção e comércio exterior**, n. 56, 2018. Brasília: Ipea, 2018
- LEAMER, E. E; STERN, R. M. **Quantitative international economics**. Chicago: Allyn and Bacon, 1970.

- LIMA, M. G.; LÉLIS, M. T. C.; CUNHA, A. M. Comércio internacional e competitividade do Brasil: um estudo comparativo utilizando a metodologia Constant Market-Share para o período 2000-2011. **Economia e Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 419-448, 2015.
- LIMA, S. D. **Inserção internacional do Nordeste brasileiro: o caso da Bahia, Ceará e Pernambuco**. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Economia (Dissertação). Recife, 2006.
- MACIEL, T. **Relações comerciais entre Pernambuco e o resto do mundo (2003-2010): evolução, caracterização e potencial**. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Economia (Dissertação). Recife, 2012.
- MELO, M. C. P. Inserção internacional da Região Nordeste e a dinâmica do comércio exterior brasileiro nos anos recentes. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 38, n. 4, p. 583-601, 2007.
- MIRANDA, P. Política tarifária de importações do Brasil em debate. **Radar: tecnologia, produção e comércio exterior**, n. 56, 2018. Brasília: Ipea, 2018.
- MUNIZ, A. M. V. **A dinâmica da indústria têxtil no espaço metropolitano de Fortaleza**. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Geografia (Dissertação). Recife, 2014.
- PREBISCH, R. O mercado comum latino-americano. In: BIELSCHOWSKY, R. **Cinquenta anos de pensamento na Cepal**. Rio de Janeiro: Cepal, v. 1, Cap. 9, 2000.
- RIBEIRO, F. A “Década Perdida” das exportações da indústria brasileira: análise de *constant market share* para o período 2005-2016. **Radar: tecnologia, produção e comércio exterior**, n. 56, 2018. Brasília: Ipea, 2018.
- SANTOS, M.C. **A dinâmica dos circuitos de economia urbana da indústria de confecção em Fortaleza**. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Geografia (Dissertação). Recife, 2014.
- SILVA, R. A., et al. Padrão de especialização das exportações do Brasil. **Revista Espacios**, v. 38, n. 17, p. 34-48, 2017.
- SILVA, T. J. J. D. **Desempenho exportador da manga e uva brasileiras no comércio internacional: uma análise entre o período de 2003 a 2013**. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Economia - PP-GECON (Dissertação). Caruaru, 2016.
- SOARES, E. C. M. **O impacto das importações chinesas na indústria brasileira**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Economia Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro, 2013.